

Design como correspondência: uma proposta para o design a partir de conceitos do antropólogo Tim Ingold

Design as correspondence: a proposal for design based on concepts by anthropologist Tim Ingold

IBARRA, Maria Cristina; Profa. Doutora; Universidade Federal de Pernambuco
cristina.ibarra@ufpe.br

Este artigo analisa o conceito de correspondência do antropólogo Tim Ingold, a fim de oferecer uma proposta para repensar a prática e a pesquisa em design. Esse autor percebe cada ser vivo como um conjunto de linhas que se enredam umas com as outras. Nesta representação, a correspondência é um processo pelo qual seres ou coisas respondem uns aos outros ao longo dessas linhas. Para ele, a antropologia deve ser uma disciplina que corresponda aos acontecimentos percebidos a partir da atencionalidade. Neste cenário, ele e Caroline Gatt propõem uma antropologia que corresponde por meio do design, em que a construção de relações e coisas torna-se mais deliberada. Neste artigo, além de analisar as propostas de Ingold, relaciono-as com autores preocupados com a busca de uma perspectiva decolonial na América Latina e procuro responder o que seria uma prática e uma pesquisa em design a partir do conceito de correspondência.

Palavras-chave: Design Anthropology; Correspondência; Tim Ingold; América Latina.

This paper analyzes anthropologist Tim Ingold's concept of correspondence in order to offer a proposal for rethinking design practice and research. This author perceives each living being as a set of lines that intertwine with each other. In this representation, correspondence is a process by which beings or things respond to one another along these lines. For him, anthropology must be a discipline that corresponds to events perceived through attentionality. In this scenario, he and Caroline Gatt propose an anthropology that corresponds by means of design, in which the construction of relationships and things becomes more deliberate. In this article, in addition to analyzing Ingold's proposals, I relate them to authors concerned with the search for a decolonial perspective in Latin America and I try to answer what would be a practice and research in design based on the concept of correspondence.

Keywords: Design Anthropology; correspondence; Tim Ingold; Latin America.

1 Introdução

Tim Ingold é um destacado antropólogo britânico que propõe outros caminhos para a antropologia, para a ciência e, em termos gerais, para a forma como percebemos o mundo. Entre seus interesses de pesquisa, encontram-se a antropologia ecológica, a percepção do ambiente, a tecnologia, a arte, a arquitetura e o design. Assim como outros autores, está preocupado com a catástrofe que a modernidade tem nos levado e sugere formas para estabelecer uma correspondência com o mundo, de tal maneira que possamos continuar por caminhos mais sustentáveis. Ingold e vários dos pesquisadores, que trabalham (ou trabalharam) com ele, nos inspiram a (re)pensar o design e a continuar propondo sua aproximação com as ciências sociais.

Um dos conceitos principais na obra de Ingold é o de correspondência. Ele o utiliza a fim de abrir outros caminhos para a antropologia e para o design. Em seus trabalhos, Ingold propõe liberar a antropologia da etnografia. Ele sugere um papel especulativo para essa disciplina (antropologia) e afirma que deve juntar-se a áreas como a arte, a arquitetura e o design, não com o fim de analisá-las antropologicamente, mas para aprender a propor mudanças no mundo que observa e descreve. Com a correspondência, Ingold atribui outro papel para a antropologia: não somente de observação, mas de intervenção na realidade que estuda. Ele aponta que “corresponder com o mundo, em suma, não é descrevê-lo ou representá-lo, mas responder a ele” (INGOLD, 2013, p. 108).

Corresponder, por meio da prática e pesquisa em design, significa que, em vez de fazer estudos sobre um objeto, utilizamos nossas ferramentas e atitudes para responder à situação na qual trabalhamos, deixando-nos afetar por ela. Nesse duplo movimento, colocamo-nos no meio: entre a ação que fazemos e a experiência que nos faz. Para poder responder em colaboração com o mundo é necessário afiar nossos sentidos e atenção. Nossa mente se estende às nossas mãos, pés, pele, ao corpo todo e aos seus movimentos. Essa extensão vincula a mente e o corpo. Não pensamos somente e, depois, fazemos. Pensamos também fazendo e nos deixando afetar pelo mundo.

Ingold é um dos precursores do campo conhecido como Design Antropologia¹ (DA) o qual propõe misturas metodológicas entre essas duas áreas. Segundo Gunn e Donovan (2012), esse campo não trata de uma antropologia do design, porque o objetivo não é estudar o design e suas dinâmicas. Também não consiste em utilizar estudos antropológicos como insumos para os processos de design. Esse campo sugere uma convergência de esforços das duas áreas. Em termos mais simples, para mim, DA propõe que designers virem antropólogos(as) e que antropólogos(as) se convertam em designers, sem abandonar seus próprios saberes. Isso significa que a pesquisa de campo não seria apenas um momento em que pesquisadores adentram no mundo de determinado grupo de indivíduos, para depois escrever sobre eles. A pesquisa de campo seria também intencionalmente intervencionista.

Na relação histórica do design e da antropologia, a etnografia tem sido um ponto de encontro das duas áreas. Segundo Alison Clarke (2017), desde o final dos anos 1980, muitos(as) antropólogos(as) e designers têm realizado pesquisas etnográficas que depois são traduzidas em produtos concretos de design. Contudo, embora esta seja uma prática realizada na atualidade, outros caminhos têm sido trilhados.

O objetivo deste artigo é analisar o conceito de correspondência de Tim Ingold, a fim de oferecer uma proposta para repensar métodos, abordagens e processos da prática e da pesquisa em design. Esse autor propõe perceber cada ser vivo como um conjunto de linhas

¹ Em inglês esse campo se conhece como *Design Anthropology*.

que se enredam umas com outras em interpenetrações duradouras. Nesta representação, a correspondência é um processo pelo qual seres ou coisas respondem uns aos outros ao longo do tempo. Ele propõe que a antropologia “deve ser uma disciplina de correspondência” (INGOLD, 2016, p. 24). Nesse cenário, ele e a antropóloga Caroline Gatt propõem uma antropologia por meio do design, que segue os caminhos do mundo à medida que se desdobram e responde ao que está sendo percebido em tempo real. Nesta prática, a construção de relações e coisas torna-se mais deliberada. Neste artigo, além de analisar as propostas de Ingold, relaciono-as com autores preocupados com a busca de uma perspectiva decolonial na América Latina e procuro responder o que seria uma prática e uma pesquisa em design a partir do conceito de correspondência.

2 A vida social como anêmonas e polvos no mar

Para falar sobre a vida social, Ingold (2016) cita o antropólogo francês Marcel Mauss (1954), para quem a vida social se caracteriza pela fluidez e não pela solidez. O próprio impulso que a mantém fluindo é o dar e o receber das vidas que se tornam responsivos entre si. Para presenciar a totalidade dos fenômenos sociais, afirma Mauss, temos que perceber as pessoas em movimento, como quando percebemos polvos e anêmonas no mar. Com esta metáfora, este reafirma o que já tinha dito no Ensaio sobre a dádiva (1925): as vidas se ligam e se atraem em interpenetrações duradouras.

Segundo Ingold, Mauss mostra como o presente que uma pessoa dá à outra é incorporado em seu próprio ser e permanece completamente unido à pessoa que dá. Essa interpenetração pode durar tanto quanto dure esse entregar e receber. É como se as vidas estivessem vinculadas umas às outras, como quando duas pessoas se dão as mãos. Nesse mundo fluido, aponta

todo ser tem que encontrar um lugar para si mesmo, enviando ramificações que possam prendê-lo aos outros. Assim, agarrando-se uns aos outros, os seres se esforçam para resistir à corrente que os varreria de outra maneira, mas no meio da qual são gerados indefinidamente. (INGOLD, 2016, p. 10, tradução minha).

Entendendo as dinâmicas da vida social como o entrelaçamento de anêmonas e polvos no mar, Ingold percebe cada ser vivo como uma linha ou um conjunto de linhas que se enredam umas com outras. O resultado desse emaranhado é o que ele chama de malha e as interpenetrações ele chama de nós. A filiação, quer dizer a relação pai/ filho, por exemplo, é, a seu ver, um processo de transformação, no qual “o filho continua a vida de seus pais, enquanto diferencia progressivamente sua vida daquela que a engendrou. Filiação não é uma conexão de pai e filho, mas uma conexão de pai *com* filho” (Idem, p. 14, tradução minha, grifo meu).

Ingold considera que essa diferenciação entre *com* e *e* é importante, porque “a vida social não é a articulação, mas a correspondência de seus constituintes” (Idem, p. 14, tradução minha). Eles têm uma relação contrapontual e não aditiva. Como ele já discutiu em outros textos, as linhas de cada ser vivo se entrelaçam como linhas melódicas em contraponto, como as diferentes melodias de um quarteto de cordas. Nesse sentido, correspondência, para Ingold, “é o processo pelo qual seres ou coisas literalmente respondem uns aos outros ao longo do tempo, por exemplo, na troca de letras ou palavras numa conversação, de presentes ou mesmo, em dar as mãos” (Idem, p. 14, tradução minha). A seguir, analisarei o conceito de correspondência. Primeiramente, entendendo sua diferença com interação e, logo depois, através dos três princípios que Ingold propõe: o princípio do hábito, o *agencing*, e a atencionalidade.

3 Correspondência

Em vários de seus textos, Ingold propõe uma concepção da antropologia como uma disciplina correspondente e não representacional. Mas o que significa correspondência? Uma das dinâmicas que vem à mente, quando penso em correspondência, é a troca de cartas entre duas pessoas. Às vezes, as pessoas se referem às próprias cartas como correspondência. Ingold também faz essa associação, ainda que para ele o significado do termo seja outro, mais amplo, relacionado com as dinâmicas de vida no mundo.

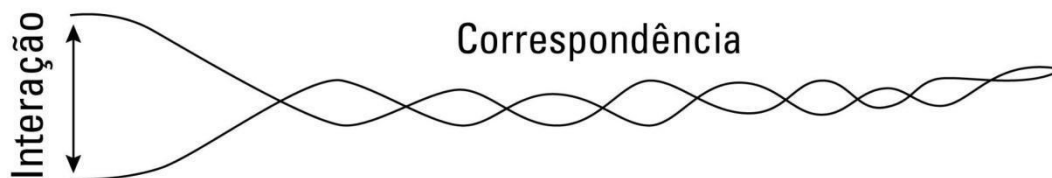
Ler uma carta não implica só ler sobre quem escreve, mas é ler com ele ou ela. É como se o escritor estivesse falando desde a página e o(a) leitor(a) estivesse escutando. No livro *Making* (2013), ele associa a ideia de que o destinatário lê com o remetente da carta, conforme a percepção que Alfred Schutz tem da vida social: como processo de envelhecimento conjunto. Schutz (1962), fenomenólogo do mundo social, afirma que, compartilhando o tempo, todos participam da vida cotidiana dos outros. Ingold explica que Schutz compara essa participação com fazer música e coloca um exemplo: “Os atores de um quarteto de cordas [...] não estão trocando ideias musicais — eles não estão interagindo, nesse sentido, porém estão se movendo juntos, ouvindo enquanto tocam e tocando enquanto escutam, a cada momento compartilhando no ‘presente vivido’ de cada um” (INGOLD, 2013, p. 103). Na vida social, não interagimos, mas vamos crescendo juntos, compartilhando ao longo do tempo.

No esforço de fazer uma diferenciação entre interação e correspondência, Ingold (2013) coloca o exemplo de seus estudos sobre as caminhadas cotidianas. Ele e seu colega Jo Vergunst chegaram à conclusão de que andar um do lado do outro é uma atividade particularmente sociável. A interação direta face a face, pelo contrário, muito menos. A principal diferença, eles apontam, é que “ao caminhar juntos, os acompanhantes compartilham praticamente o mesmo campo visual, enquanto que, na interação face a face, cada um pode ver o que está por trás do outro, abrindo possibilidades para o engano e o subterfúgio” (INGOLD, 2013, p. 103).

Ingold continua seu argumento citando o sociólogo Georg Simmel que, em um ensaio clássico de 1921, enuncia que o contato olho no olho “representa a mais perfeita reciprocidade em todo o campo das relações humanas” (SIMMEL, 1921 *apud* INGOLD, 2013, p. 106), incitando a uma espécie de união entre as pessoas envolvidas. Essa união, segundo Simmel, “só pode ser mantida pela linha mais curta e reta entre os olhos” (SIMMEL, 1921 *apud* INGOLD, 2013, p. 106). Ingold tensiona essa ideia, afirmando que corresponder não é um processo de união entre um ponto A e um ponto B. É um processo de avançar juntos.

Segundo Ingold, o prefixo inter, em “interação”, significa que as partes são fechadas umas às outras, como se elas só pudessem ser conectadas através de uma operação de ligação, de construção de pontes ou *bridging* (Figura 1). Em correspondência, de acordo com ele, “os pontos são colocados em movimento para descrever linhas que se envolvem entre elas como melodias em contraponto” (INGOLD, 2013, p. 107). Ele exemplifica com as linhas melódicas entrelaçadas do quarteto de cordas. Enquanto os instrumentistas estão tocando sentados em um lugar fixo, seus movimentos e sons correspondem, buscando uma mistura, “nem aqui nem ali, mas no meio” (INGOLD, 2013, p. 107).

Figura 1 – Interação *versus* correspondência



Fonte: Elaborado pela autora com base em INGOLD, 2013.

A noção de correspondência proposta por Ingold nasce de uma determinada bagagem teórica. Ele explica que ela foi essencial para o místico sueco do século XVIII Emanuel Swedenborg, para quem essa noção descreve as relações de mutualidade e harmonia entre todas as coisas espirituais e naturais. Seguindo sua direção, Charles Baudelaire, em seu poema “Correspondências”, fala de um homem fazendo seu caminho no mundo natural, rodeado de uma polifonia de vozes e uma floresta de olhos na qual perfumes, cores e sons correspondem.

Talvez, continua, isso tenha sido a base para Johann Wolfgang von Goethe, quando escreveu sobre a luz solar e sua relação com a visão humana. Este disse que, se o olho não fosse como o sol, não poderia ver a luz. Ingold explica que com isso ele não quis dizer que o olho e o sol fossem parecidos, mas que o olho é formado de tal maneira que possa responder à luz. Em 1940, o biólogo estoniano Jakob von Uexküll acrescentou que, se o sol não fosse parecido com o olho, o céu não poderia brilhar. Ele queria dizer, esclarece Ingold, que a luz celestial só poderia existir no mundo fenomenal de criaturas com olhos. A vida das criaturas, continua, prossegue em contraponto, tomando para si algo das características do outro, de maneira que possa responder a ele. Por exemplo: “a abelha corresponde à flor que contém pólen e a aranha à mosca” (INGOLD, 2013, p. 107).

Para Ingold (2013), da mesma forma que o sentimento do ceramista entra e sai em correspondência com o barro, os movimentos curvos do violoncelista estão em correspondência com o som musical. Ele aponta que “corresponder com o mundo, em suma, não é descrevê-lo ou representá-lo, mas responder a ele” (INGOLD, 2013, p. 108). A correspondência, posso dizer, é um movimento diferente da interação. A interação sugere uma conexão de dois pontos imóveis através de uma linha reta. A correspondência é fluida. Ela implica movimento e resposta em colaboração com o mundo. A seguir, seguirei analisando esse conceito, a partir dos três princípios em que Ingold o enquadra.

4 Princípios da correspondência

Para Ingold (2016), a correspondência é a maneira de se relacionar de um ser que habita no hábito, cuja agência está sempre emergindo e cuja postura é atencional. É nesta tríade: hábito, *agencing* e atencionalidade, que se apoia a correspondência. Ele afirma que os relatos tradicionais da vida social normalmente se enquadram na tríade: vontade, agência e intencionalidade. Assim, propõe esses princípios alternativos.

4.1 Hábito

Para definir o princípio de hábito, Ingold (2016, 2018a) recorre ao filósofo estadunidense John Dewey que já tinha esboçado o conceito de correspondência. No livro *Arte como experiência* (1934), Dewey discorre sobre dois termos que são importantes para entender esse conceito: “fazer” e “experimentar”. Ele estipula que em cada experiência deve haver um elemento de ambos. A questão, aponta (2018a), é descobrir a relação que há entre eles, porque não pode ser a de que simplesmente se alternem. Ou seja, em um episódio, o sujeito atua e o objeto experimenta e, em outro, o sujeito experimenta e o objeto atua.

Ingold escreve que o experimentar não está confinado *dentro*, mas antes transborda cada fazer, porque, como afirma Dewey, o mundo não é episódico, mas contínuo. Ele cita um parágrafo de Dewey (1987) no qual este explana sobre o processo de vida e sua continuidade. Para Dewey, o processo de vida continua “porque é um processo eterno e renovado de agir sobre o meio ambiente e de ser influenciado por ele, juntamente com a instituição das relações entre o que é feito e o que é sofrido [...]. Através de hábitos formados em relação com o mundo, habitamos o mundo” (DEWEY, 1987, p. 109 *apud* INGOLD, 2018a, p. 21, tradução minha).

O termo “hábito”, do qual trata Dewey nessa passagem, também é importante para entender o conceito de correspondência de Ingold, que pergunta: é o hábito que faz com que as pessoas façam coisas ou é o que é formado nelas como consequência de fazê-las repetidamente? Para Dewey, afirma Ingold, esta ambiguidade se resolve ao pensar que estamos no meio, entre o hábito que fazemos e o hábito que nos faz. Assim, o hábito para Dewey não é produto, nem produtor, senão o que ele denomina de princípio de produção: “Onde um ser que habita em suas próprias práticas é recursivamente gerado por elas” (INGOLD, 2018a, p. 22).

Ingold (2016) afirma que a experiência é ativa e não passiva, a “ação está dentro da experiência” (INGOLD, 2016, p.16), pois aquele que atua não é soberano: “Isto porque o que ele faz não é ação, mas experiência e acionar uma experiência [...] é estar dentro dela” (Idem, p. 16). Ingold pergunta (2018a): O que aconteceria se a experiência estivesse subtendida a um ato de fazer e não vice-versa?. Ele responde que a inversão produziria o que denomina de “princípio de vontade”, o oposto ao princípio do hábito. O princípio de vontade, continua, faz com que haja uma intenção antes da ação. Esse princípio distingue o fazer do experimentar, colocando-os como opostos e separando o ativo do passivo, a agência da passividade.

Para Ingold (2016), não há divisão entre o ativo e o passivo. Em inglês, ele escreve: “*To enact experience is, in short, to ‘do undergoing’*” (Idem, p.16) e coloca um exemplo, convidando o leitor a imaginar que pretende sair para caminhar. Antes de sair, arruma as malas, prepara as provisões e planeja a rota. Porém, no caminho, tudo é diferente. Caminhar deixa de ser uma coisa que ele impõe ao corpo e se torna seu caminhar. Seu caminhar o caminha, nas palavras dele. Ele está lá, dentro do caminhar, e cada passo que dá, é modificado, numa “renovação perpétua” (p.16).

Isso quer dizer que o caminhar deixa de ser algo que ele faz para ser algo que acontece com ele, deixando-se levar pelo ritmo da caminhada. O caminhar deixa de ser uma ação e torna-se uma experiência. Como Ingold afirma: “A experiência é algo que alguém vivencia e, no entanto, essa vivência é ativa e não passiva, é algo que alguém faz” (INGOLD, 2016, p. 16). Por isso é que ele afirma que encenar uma experiência é, em suma, “*to do undergoing*”.

Para explicar isso melhor, Ingold traz um exemplo baseado no fenomenologista James Hatley que reflete sobre o caminhar do artista Hamish Fulton. Hatley observa que “andar, como

Fulton pratica, não é fazer uma experiência no sentido de que eu a possuo, que tenho uma experiência do mundo, mas no sentido de que eu a sofro, estou traumatizado por ela... o corpo experimenta em vez de dominar a terra que caminha” (HATLEY, 2003, p. 204 *apud* INGOLD, 2016, p. 16). Esses traumas, a que Ingold se refere como dores e bolhas, fazem parte da vida ativamente experimentada e não podem ser separados do que se faz, da ação, porque não somos completamente soberanos, mas transformados na medida em que andamos. Não temos o controle total da situação. Não a dominamos completamente ou, como ele sustenta, o caminhar nos caminha. A experiência não pode ser separada da ação.

Ingold também afirma que, uma vez no caminhar, não se pode sustentar a ideia de que é um processo que não envolve a mente, que é irracional: “Um automatismo corporal que liberta o intelecto para um pensamento desimpedido. Pelo contrário, caminhar é um hábito de pensar” (p. 16). Ele afirma que pensar não é uma operação cognitiva que acontece dentro da cabeça, mas o trabalho da mente que se junta com o corpo e com o mundo.

Pensar, Ingold afirma, é uma forma de absorver o mundo, de maneira que se torne menos o tema e mais o ambiente da meditação. Ele (2018a) propõe que talvez o poder do caminhar esteja em deixar o mundo entrar em nossas reflexões. A seu ver, abrir-se ao mundo é desistir em parte de nossa agência: “É colocar o ‘eu’ que age, não em frente, mas no meio da experiência sofrida” (INGOLD, 2016, p. 16). E colocar o “eu” no meio significa que pergunto e não afirmo: “Eu fiz isso?”. Ingold relaciona o “eu” do hábito a uma pergunta, em vez de ser postulado, antecipadamente, como uma causa eficiente. Assim o “eu” coloca em risco sua própria agência.

No começo desta seção, mostrei que Ingold (2016, 2018a) afirma que o conceito de correspondência foi esboçado por Dewey (1934). Há uma relação entre “fazer”, “experimental” e “corresponder”. Como dito anteriormente, a experiência é ativa e não passiva. Ingold (2016) derruba a relação gramatical que existe entre a ação e a experiência, na qual a primeira se assume como ativa e a segunda como passiva, ou seja, na qual a primeira é algo que alguém faz e a segunda algo que alguém vive. Ele afirma que a ação está dentro da experiência e não vice-versa, como se o ator ao mesmo tempo em que fizesse, também vivenciasse, também sofresse a experiência. Para ele, com a correspondência não somos mudados desde fora, mas nos transformamos desde dentro (*from the inside*).

4.2 Agencing

Para explicar o conceito de *agencing*, Ingold sustenta que:

só porque tudo acontece de acordo com a própria vontade, não significa que alguém esteja no comando ou que a agência seja amplamente distribuída. Significa, sim, que deve haver algo errado na descrição da ação que presume que o que quer que aconteça conosco é um efeito de alguma agência ou outra (INGOLD, 2016, p. 17).

Entendendo que a “agência não é dada antes da ação, como causa e efeito, mas que está sempre se reformando e transformando a partir da própria ação” (Idem, p. 17), ele propõe tornar o substantivo em gerúndio do verbo, ou seja, passar de *agency* para *agencing*. Isso porque não existe um agente, um sujeito que faz, senão que a agência se cria e transforma à medida que acontece. Com esse termo, ele nomeia o que os franceses chamam de *agencement*, palavra que tem duas conotações: assembleia ou *do undergoing*. Ingold dá

preferência ao segundo significado sobre o qual discorreremos no tópico anterior. Ele aponta que “na correspondência de *agencing*, então, não há sujeitos volitivos (determinados pela vontade), não um “eu” ou um “você” para colocar antes de qualquer ação e é por isso que é difícil encontrar as palavras para expressá-lo” (INGOLD, 2016, p. 17).

Ingold explica que há línguas não indo-europeias que não têm a oposição da voz passiva e ativa. É isso o que os gregos chamavam de “voz média”. Nesta, o agente está dentro do processo de sua ação, dentro do verbo, não separado dele: “alcança algo que é alcançado nele” (BENVENISTE, 1971, p. 149 *apud* INGOLD, 2014, p. 137), aponta o linguista francês Émile Benveniste. É isso o que acontece, argumenta Ingold, quando alguém caminha e o caminhar o caminha. “Um devir” (ou *becoming*), explica, “não é nem um nem dois, nem a relação dos dois, é um meio termo ou *in-between*” (INGOLD, 2016, p.18).

Ingold compara esse devir ou *in-between* com estar dentro de um rio, talvez influenciado pelo pensamento de Heráclito. Para ele, a correnteza é um mundo desconhecido para os que estão nas margens; é um mundo no qual, depois de um tempo, não existe direita ou esquerda, onde o nadador deixa de estar no meio disto ou aquilo e vira um hífen, um habitante do meio termo ou do *in-between*. Isso corresponde a “se juntar ao nadador no rio. Não é questão de escolher um lado, mas de seguir em frente” (INGOLD, 2016, p. 18). É seguir nesse meio fluído dos polvos e anêmonas, não conectando pontos, mas amarrando linhas.

4.3 Atencionalidade

Com o princípio de atencionalidade, Ingold (2016) propõe reverter a relação entre a intenção e a atenção. Ele coloca, de novo, o exemplo de sair para caminhar. Na preparação e no caminho, há coisas que o caminhante tem que atender. Antes de sair, ele confere o que tem: o mapa, a bússola, etc. No caminho, verifica se algumas características da paisagem equivalem ao que está no mapa, de tal maneira que possa se localizar. Esse tipo de atenção, expressa Ingold, consiste em “juntar os conteúdos da mente com os objetos no mundo e estabelecer uma correlação, um a um, entre cada representação mental e cada característica física” (INGOLD, 2016, p. 18). É o modo que a mente tem para fazer uma checagem do mundo, ele aponta, e que periodicamente interrompe o movimento para fazer um balanço.

Desse modo, a distração é oposta à atenção. Citando o estudioso do teatro, George Home-Cook, Ingold explica isso. Home-Cook afirma que a atenção, nesse sentido de checagem, estabelece a distração com seu oposto, caracterizada por “uma perda da atenção e usurpação da mente pelo corpo” (HOME-COOK, 2015, p. 39 *apud* INGOLD, 2016, p. 19).

A checagem do mundo na mente demonstra uma intenção (ou um projeto) do caminhante. Essa intenção, quando é interrompida pelo corpo, é chamada de distração. É como se o ato de caminhar separasse a mente do corpo, a ação da experiência. Porém, Ingold está propondo reverter essa relação entre a atenção e a intenção, como expus no começo desta seção. Como já expressou em outras oportunidades, caminhar não é um processo sem mente. Ele aponta: “Caminhar exige do caminhante uma responsividade contínua ao terreno, ao caminho e aos elementos. Para responder, ele deve atender a essas coisas à medida que anda, se juntando e participando com elas em seus próprios movimentos. Isso é o que significa escutar, ver e sentir” (INGOLD, 2016, p. 19)

Para Ingold, a atenção é um movimento animado em si mesmo. Eu relaciono isso com estar no meio da correnteza. É como o poeta espanhol do século XIX Antonio Machado escreveu: “*Caminante no hay camino, se hace camino al andar*”. A visão de Ingold também me lembra de um ditado popular da América Latina, que diz: “No caminho se arrumam as cargas”. Isso quer

dizer que o caminhante tem que prestar atenção ao caminho para responder a ele na medida em que anda. As cargas são acomodadas no caminho, no processo, no caminhar.

O caminhante atento, Ingold assinala, sintoniza seus movimentos com o terreno à medida que este se desdobra a seu redor e embaixo de seus pés, em vez de ter que parar periodicamente para checá-lo. Nesse sentido, a distração não é uma perda da atenção (como intenção), mas uma continuidade dela. Ingold diz: “É o que acontece quando a atenção em si mesma se arrasta em diferentes direções” (INGOLD, 2016, p. 19). Como indica Erin Manning, a atenção é “emergente no evento, ativada pela força da direcionalidade que o evento suscita” (MANNING, 2016 *apud* INGOLD, 2016, p. 19, tradução minha).

Ingold aponta que a mente está na intenção e na atenção, ou seja, na ideia de ir dar um passeio e no passeio em si mesmo. O que ele discorda é que não se trata de uma mente confinada na cabeça, que está contra o mundo em uma posição de superioridade. Ele afirma que é uma mente que “se estende ao longo dos percursos sensoriais da participação do caminhante ao ambiente” (INGOLD, 2016, p. 19). A consciência dessa mente não é transitiva, mas intransitiva, aponta ele. Intransitiva, a seu ver, denota um processo que não começa aqui e termina ali, senão que continua. A consciência da mente não é “de”, mas “com”. Essa distinção, explica Ingold, ajuda a fugir da objetificação do mundo, tornando a “exclusão” (*othering*) em “conjunção” (*togetherness*). Com isso, ele quer dizer que, com esse tipo de atenção, paramos de objetificar o mundo para nos abirmos a ele e aceitarmos que não o dominamos, como propõe o modelo hilemórfico de Aristóteles, que ao mesmo tempo em que somos sujeitos que fazemos somos objetos que sofremos. As operações da mente atenta, conclui, não são cognitivas senão ecológicas, ou seja, não estão na mente, mas no mundo.

5 Antropologia como correspondência

Para Ingold (2016, 2018a, 2018b), a antropologia que ele está propondo é generosa, aberta, comparativa e crítica. *Generosa*, porque “presta atenção e responde ao que outras pessoas fazem e dizem” (INGOLD, 2018a, p. 58). Há um compromisso ontológico na antropologia, afirma ele (2018b), “de devolver o que devemos aos outros por nossa própria formação intelectual e prática moral. De fato, para nossa própria existência como seres no mundo” (INGOLD, 2018b, tradução minha). Essa generosidade lembra como ele, em seus textos, tem se apoiado em Mauss para fundamentar seus argumentos. Para Ingold (2018a), quando respondemos a algo, descarregamos nossa dívida ontológica, como Mauss nos tem ensinado. Ou seja, reconhecemos que devemos nossos seres ao mundo. Responder ao mundo é dar de volta o que dele previamente recebemos. A antropologia é *aberta* porque seu principal objetivo não é chegar a uma solução final que feche caminhos para a vida, mas, sim, abrir possibilidades para que a vida siga. Isto é o que o autor chama de sustentabilidade: abrir espaço para todos e tudo, agora e no futuro (INGOLD, 2018b).

A antropologia é *comparativa*, porque acredita que não há uma única maneira possível de ser. Ela sempre se pergunta por que essa direção e não aquela outra. E, por último, a antropologia é *crítica*, porque não podemos estar contentes com como as coisas estão. A era moderna tem colocado o mundo às margens de uma catástrofe, argumenta Ingold, e é nosso dever buscar toda a ajuda que seja possível. A chave para construir o futuro por nós mesmos, diz ele, está no diálogo. E é esse um dos papéis da antropologia: expandir esses diálogos e estabelecer uma conversa sobre a vida mesma.

Ingold pergunta: os(as) antropólogos(as) têm se juntado à conversa? Ele responde que a maior parte ainda não. Em uma conversa, as linhas se contorcem ao redor de outras à medida que

respondem e são respondidas. Esta relação é o que ele denomina como correspondência. Os antropólogos, através da etnografia, em vez de criar uma relação correspondente com o mundo, criam uma relação tangencial. Seu objetivo, explica, não é estudar com as pessoas, mas fazer das pessoas um objeto de estudo.

Isso é o que acontece quando se considera que o objetivo da observação participante é fazer uma etnografia. Ingold (2013) propõe liberar a antropologia da etnografia porque esta última está atada ao compromisso residual “de representar a verdade das coisas para as pessoas cujas vidas e tempos estão sendo descritos” (INGOLD, 2017, p. 127). Como mencionado anteriormente, ele propõe fazer da antropologia uma disciplina especulativa e não representacional.

A observação participante, aponta Ingold, é uma forma de trabalhar da antropologia, uma prática de “exposição e de atenção, de esperar em outros que nos conduzem a um mundo onde podemos compartilhar sua companhia, que os traz à presença, mas, ao mesmo tempo, desdobra e tira do destino” (INGOLD, 2018a, p. 60, tradução minha). Um observador participante, a seu ver, passa grandes períodos de tempo se juntando à vida de um grupo de pessoas, em um lugar, conhecendo-os e aprendendo sobre eles no processo. Ele nunca tem controle da situação e por isso é vulnerável, ficando, em grande parte, à mercê de eventos que vão se desdobrando e estando sempre dependente da improvisação. Ele acredita que a diferença entre o que todos os seres humanos fazem e o que faz um observador participante é a intensidade. Pois essa é a forma como todos nós trabalhamos.

A observação participante, segundo Ingold, é uma prática de correspondência. Ele acredita que esta é composta pelo movimento prospectivo da percepção e da ação que se tem com os movimentos de outros, consistindo em “responder a esses acontecimentos com intervenções, perguntas e respostas próprias – ou, em outras palavras, viver atentamente com os outros” (INGOLD, 2014, p. 389, tradução minha).

Segundo Ingold (2018a), a observação participante, muitas vezes, tem sido suposta como uma contradição. A ciência tem feito com que ela tire a experiência subjetiva que surge, estando em campo com as pessoas para convertê-la em dados objetivos de pessoas que possam ser analisados. A fonte do problema, segundo ele, é a palavra “de”. Quando se faz antropologia “de”, a coisa em questão torna-se um tópico de investigação.

Fazer antropologia com, por outro lado, ou observar com, “é atender a pessoas e coisas, aprender com elas e seguir em princípio e prática. É assim que o aprendiz observa na prática de uma habilidade, como o devoto observa nas rotinas de adoração, como o antropólogo observa nas tarefas da vida cotidiana no campo” (INGOLD, 2018a, p. 61). O “com” faz com que a observação se torne uma objetificação. Ele é intencional, já o “de” é atencional.

Para Ingold (2016), uma antropologia fundada no princípio do hábito, de *doing undergoing*, é uma antropologia “com”. Seu propósito, dinâmica e potencial, afirma, reside em “juntar-se com outros numa exploração contínua, especulativa e experimental do que as possibilidades e potenciais da vida podem ser” (INGOLD, 2016, p. 24, tradução minha). Segundo ele, praticar antropologia é “restabelecer o mundo à presença, atender e responder. É avançar em tempo real, não parar o relógio, a fim de olhar para trás” (INGOLD, 2016, p. 24, tradução minha). A antropologia deve ser, conclui, uma disciplina de correspondência.

6 Antropologia por meio do design

Gatt e Ingold (2013) fazem uma proposta para o design e para a antropologia. Eles defendem um conceito de design aberto (*open-ended*) que considere as esperanças e os sonhos e a dinâmica improvisatória do cotidiano e, também, uma antropologia concebida como uma investigação especulativa das condições e possibilidades da vida humana.

A chave para repensar tanto o design quanto a antropologia, explicam eles, é o conceito de correspondência. A partir deste conceito, propõem um *design anthropology* que corresponda com as vidas que ele segue. Defendem que a antropologia por meio da etnografia é uma prática de descrição do passado, enquanto a antropologia por meio do design é uma prática de correspondência, ou seja, uma antropologia que vá em frente com as pessoas em conjunto com seus desejos e aspirações em tempo real.

No livro *Making*, Ingold (2013) propõe liberar a antropologia da etnografia. Ele aponta que a antropologia, a fim de propor mudanças no mundo que observa e descreve, deve se juntar a outros campos do saber como a arte, a arquitetura e o design, não para analisá-las antropologicamente, mas para criar conhecimento, convergindo esforços, aprendendo uma com a outra e intercambiando mutuamente ferramentas, teorias e metodologias. Para ele, “a antropologia estuda com e aprende de, é levada adiante em um processo de vida e causa transformações dentro desse processo. A etnografia é um estudo de e aprende sobre, e seus produtos duradouros são relatos recordativos com propósitos documentários”. (INGOLD, 2013, p. 3, grifo meu, tradução minha). A seu ver (2017), é importante liberar a antropologia da etnografia, para que assim ela possa se tornar “uma disciplina especulativa comparada com a arte e a arquitetura” (INGOLD, 2017, p. 126).

Liberar a antropologia da etnografia para fazer antropologia por meio do design requer enxergar este último como uma prática para a vida que renuncia às predições. O design, “longe de ser uma atividade exclusiva de um grupo de profissionais especialistas, responsáveis pela produção de futuros a serem consumidos pelo resto de nós, é um aspecto de tudo o que fazemos, à medida que nossas ações são guiadas por esperanças, sonhos e promessas” (GATT; INGOLD, 2013, p. 251). Eles perguntam: “O que significa projetar (*to design*) coisas em um mundo que está sendo construído perpetuamente por seus habitantes?” (Idem, p. 145). Sua resposta é que design não é um processo de inovação, mas de improvisação.

Equiparar criatividade à improvisação significa “lê-la para frente, seguindo os caminhos do mundo à medida que eles se desdobram, em vez de procurar recuperar uma cadeia de conexões, desde um ponto final a um ponto de partida, de uma rota já percorrida” (GATT; INGOLD, 2013, p. 251). Ingold (2012) enxerga a criatividade como um movimento para frente, diferente do enfoque de abdução de Alfred Gell, e do que implica o modelo hilemórfico de Aristóteles.

O verbo projetar (*to design*) deve, a seu ver, ser considerado como um verbo intransitivo, como morar ou crescer, uma vez que denota processos que não começam aqui e terminam ali, mas continuam. Os verbos intransitivos expressam movimento, ações em processo. O design não é o único que transforma o mundo, ele faz parte de um mundo em transformação. Projetar pode ser visto como um processo de crescimento ou, como fala o arquiteto Juhani Pallasmaa (2009), citado pelos autores: “projetar (*to design*) é sempre uma busca por algo que é desconhecido previamente” (*apud* GATT; INGOLD, 2013).

Propondo uma antropologia por meio do design, os autores pretendem que os efeitos transformacionais da “observação participante” (ver seção 5) toquem o design para que este

possa corresponder, em tempo real, com as pessoas com quem trabalha. Eles propõem, primeiramente, fazer design e, depois, etnografia, não o contrário, forçando-nos a deixar que o mundo nos ensine a estar em meio às coisas.

Em uma antropologia por meio do design, a ativa participação dos antropólogos (em construir relações e criar coisas) torna-se mais deliberada e experimental. Inclusive, Gatt e Ingold acreditam que as relações construídas em campo e os produtos do trabalho dos antropólogos são mais importantes que os textos etnográficos. A criatividade do(a) antropólogo(a) é ativada no trabalho etnográfico. Ele(a) é coautor(a) do “conhecimento que resulta das relações pessoais criadas em campo” (Idem, p. 153), mas essa criatividade se limita aos textos escritos: “Por várias razões, este novo paradigma não motivou os antropólogos a engajarem-se no debate público ou a colaborar com seus informantes” (Idem, p. 154). Os autores propõem que a produção de artefatos seja deliberada e reflexiva, durante o trabalho de campo.

Podemos perceber que o que Gatt e Ingold propõem é uma redefinição do campo da antropologia e do design. Em um primeiro momento, o(a) antropólogo(a) deve criar artefatos dialógicos em campo e em tempo real, de forma deliberada e experimental, e, em um segundo, o(a) designer enxerga seu processo de criação não como uma inovação, mas como uma improvisação. Praticar uma antropologia por meio do design implica corresponder. Corresponder significa estar no meio das coisas e do mundo, entender que ele (e nós) está(mos) em uma constante transformação, que o design faz parte desse processo, mas que não é o único a fazer isso, uma vez que seus habitantes também o transformam continuamente. Significa responder ao que está sendo percebido: não só ser ensinado(a) por isso, mas contribuir com entendimentos, experiências e habilidades.

Percebemos, ao longo deste artigo, que Ingold propõe a observação participante como a base do engajamento antropológico. Ele enfatiza que o mundo não é um objeto de estudo, mas um lugar para imergir (mergulhar) e se expor, e viver a experiência para aprender. Junto com Caroline Gatt, sugere uma antropologia por meio do design que convida seus praticantes a responderem em tempo real.

7 Considerações finais

As teorias de Ingold trazem desdobramentos e possibilidades para o campo do design. O que seria uma prática e uma pesquisa em design a partir do conceito de correspondência? Seria um processo que se constrói na relação com o mundo, em que designers colocam-se no meio às coisas, engajam-se nos processos das comunidades às quais se juntam, aprendem com elas e contribuem para suas causas, estando muito atentos(as) dentro do processo e se transformando no meio dele. É isso o que chamo de design como correspondência. Em outro texto (IBARRA, 2021), discorro sobre meu trabalho junto com o Coletivo Santa Sem Violência (CSSV), no bairro de Santa Teresa (RJ), e como nele fui construindo uma relação de correspondência com o lugar e com os membros do grupo.

Outro desdobramento do conceito de correspondência na área do design, diz respeito a metodologias. A correspondência nos convida a acreditar nos processos, sem necessariamente ter planos determinados com antecedência. O processo no CSSV não foi guiado por um projeto formulado *a priori*, mas pela atenção às situações que foram se desdobrando. Foi um processo criado no encontro com pessoas e coisas. Quando “aplicamos metodologias”, seguindo uma série de passos criados por pessoas que estão fora da situação, que fazem parte de outro

tempo e espaço, podemos estar nos anulando. Nessa “aplicação”, estamos neutralizando esses métodos, universalizando-os.

A antropologia por meio do design que Ingold propõe e o design como correspondência, que estamos elaborando neste artigo, nos abrem possibilidades, como designers, de unir dicotomias que a modernidade separou (ESCOBAR, 2016), como a mente/corpo, razão/emoção e sujeito/objeto. Em relação à primeira e segunda dicotomia, considero que corresponder em processos de pesquisa e design implica envolver nossos corpos de tal maneira que valorizemos nossos sentimentos, intuições, experiências prévias, memórias, sensações, etc., e também nossos pensamentos como designers e pesquisadoras(es). Arturo Escobar (2016) afirma que a reflexão não abarca o mundo inteiro. O mundo vai além da razão. As formas como fazemos ou deveríamos fazer design vão além do racionalismo, de apologias às formas cartesianas. Colocar nosso corpo em um lugar específico – com todas as nossas histórias, particularidades, aptidões, etc. –, fará com que o processo de pesquisa e design seja diferente daquele realizado por outra pessoa. Não temos como universalizar os métodos de pesquisa e design. Pelo menos, não aqueles que não são baseados nas ciências exatas. Por isso, se faz necessária uma educação da atenção.

Também a correspondência nos ajuda a unir a separação que cria a dicotomia sujeito/objeto. O sujeito faz, o objeto experimenta. Quando nos situamos no meio da ação e da experiência, nos colocamos no meio entre ser sujeitos e objetos. Não somos nem uma coisa nem outra, ou somos as duas ao mesmo tempo. Nos situamos no *in-between*. Não estamos só observando uma realidade externa e rígida da qual não fazemos parte. Somos seres que fazemos, mas também somos transformados no processo. O *in-between* como forma de perceber o processo de pesquisa e design nos ajuda a superar a neutralidade. Somos nós, no lugar da pesquisa de campo, com nossos defeitos e virtudes, nossas posições políticas, nossas crenças, nossa história, que estamos tentando transformar aquele lugar e estamos sendo transformados por ele também. Algo parecido traz Escobar (2020) com o conceito de design ontológico. Ele afirma que desenhamos² o mundo, mas o mundo também nos desenha. Ao projetar ferramentas, estamos projetando formas de ser e formas de existir.

Buscando formas de trabalho mais conectadas ao território, às situações com as que nos envolvemos, tenho pesquisado, nos últimos anos, o conceito de 'sentipensar' proposto pelo sociólogo Orlando Fals Borda, que relaciono com a noção de correspondência de Ingold. Fals Borda escutou esse termo em uma conversa com um pescador do Caribe colombiano, nos anos 1970. Uma palavra que, no meu entendimento, questiona vários conceitos, como: modernidade, eurocentrismo, objetividade, neutralidade, a separação sujeito/objeto, razão/emoção e natureza/cultura, entre outros. Em outros textos, especulo sobre o que poderia ser um design sentipensante (IBARRA, 2020, 2021). Quando sentipensamos, reconhecemos que constituímos o mundo, que não estamos apenas observando.

Além de todo o arcabouço teórico que implica o conceito de sentipensar, ele é utilizado para denominar a sociologia que Fals Borda desenvolveu durante sua vida e obra (FALS BORDA, 2009). Esse autor buscava formas do fazer sociológico relacionadas com nossas realidades latino-americanas. A discussão sobre a América Latina traz questões que não são abordadas por Ingold, mas que têm pontos em comum com seu pensamento. Parece que essas duas

² Em espanhol ele diz que *diseñamos* o mundo, mas também o mundo nos *diseña*. Em português, não existe uma palavra exata para traduzir o verbo “diseñar”. É o mesmo caso do verbo “to design”, em inglês.

vertentes vêm de lugares diferentes, mas compartilham preocupações. Ingold fala sobre modernidade, mas não exatamente sobre colonialidade.

No artigo *La superación del Eurocentrismo*, Fals Borda e Mora-Osejo (2004) reafirmam a importância da contextualização do conhecimento em nossas complexas realidades na América Latina. Eles explicam que a supervalorização dos saberes e paradigmas de lugares, como Europa e Estados Unidos, tende a gerar situações caóticas e reduz a urgência de trabalhar com nossas realidades e problemas.

Esses autores latino-americanos enriquecem o debate sobre correspondência e nos dão insumos para desenvolver um design mais situado e baseado em nossas circunstâncias. Um design que se interessa em entender os sistemas de opressão e seus fatos e efeitos a partir de uma perspectiva mais profunda. É sobre ter uma percepção mais ampla, diferente daquelas que buscam fazer cortes seccionais como aproximações da realidade, trazidos pelas diretrizes positivistas.

O Design Antropologia (DA), que surge da minha experiência com o CSSV, da análise dos conceitos de Ingold e muito influenciada por Fals Borda e outros autores latinoamericanos, é um que não está focado nos interesses da indústria e do mercado. Como mencionado neste artigo, a relação dessas duas áreas está usualmente atrelada à etnografia, buscando entender melhor o público-alvo dos produtos de design. Este DA abre uma janela para perspectivas mais amplas que buscam repensar questões que a modernidade/colonialidade instaurou neste lugar do mundo. A ciência e o design nunca são neutros. A pergunta “Para quem?”, nos ajuda a desvendar a quem estamos favorecendo com nosso trabalho. A universidade é um espaço onde podemos imaginar e ensaiar possibilidades fora do circuito que o eurocentrismo tem criado.

8 Referências

- CLARKE, A (Ed.). **Design Anthropology**. Object Cultures in Transition. London: Bloomsbury Academic, 2017.
- GUNN, W.; DONOVAN, J. **Design Anthropology: An Introduction**. In: GUNN, Wendy; DONOVAN, Jared. (Eds.). Design and Anthropology. London: Ashgate, 2012. p. 1-19.
- GATT, C.; INGOLD, T. **From Description to Correspondence: Anthropology in Real Time**. In: Gunn W, Otto T, Smith RC, eds. 2013. Design Anthropology: Theory and Practice. London: Bloomsbury. p. 242-274.
- ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño: La realización de lo comunal/ Arturo Escobar**. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.
- ESCOBAR, A. **Contra o terricídio**. N-1 Edições. 2020. Traduzido por Maria Cristina Ibarra. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/190>. Acesso em: 15 mai. 2021.
- FALS BORDA, O. **Una sociología Sentipensante para América Latina** (antología). Bogotá, CLACSO/Siglo del Hombre Editores. 2009.
- FALS BORDA, O; MORA-OSEJO, L., **La superación del Eurocentrismo**. POLIS, Revista Latinoamericana [online], 2004. Disponível em: <http://journals.openedition.org/polis/6210>. Acessado 13 October 2021.
- IBARRA, MC. **Design como correspondência: antropologia e participação na cidade**. Recife: Ed. UFPE, 2021.

IBARRA, MC. **Por um Design Sentipensante: aproximações a perspectivas latinoamericanas para praticar e experimentar design.** In: II Colóquio de Pesquisa em Design 2., Fortaleza, 3 a 6 de novembro de 2020. Anais do II Colóquio de Pesquisa e Design: De(s)colonizando o Design. Fortaleza: Universidade Federal Do Ceará (Ufc) / Universidade Federal Do Cariri (Ufca) , 2021. p.329-335.

IBARRA, MC. Imagining a feeling-thinking design from Latin America. In: YEE, J; RODGERS, P. (Org.) **Routledge Companion to Design Research.** Londres, United Kingdom: Taylor & Francis, 2022 (no prelo).

INGOLD, T. **Anthropology.and/as education.** London: Routledge, 2018a.

INGOLD, T. **Art and Materiality for a sustainable world.** Londres: Art, Materiality and Representation Conference, 2018b. Disponível em <https://vimeo.com/274513417>. Acesso em: 10 set. 2018.

INGOLD, T. **Correspondences.** 1 ed. Aberdeen: University of Aberdeen, 2017.

INGOLD, T. **Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture.** New York: Routledge, 2013.

INGOLD, T. **On human correspondence.** Journal of the Royal Anthropological Institute. Vol. 23, Ed. 1. 2016. p. 9-27.

INGOLD, T. **Trazendo as coisas de volta à vida:** emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes antropológicos, Porto Alegre , v. 18, n. 37, p. 25-44, June 2012b

INGOLD, T. **That's Enough about ethnography!** In: HAU: Journal of Ethnographic Theory 4, no. 1 (Summer 2014): 383-395. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.14318/hau4.1.021>. Acesso em: 15 set. 2018.

MIGNOLO, W. D. **Colonialidade: O Lado Mais Escuro Da Modernidade** — Introdução de The darker side of western modernity: global futures, decolonial options (Mignolo, 2011), traduzido por Marco Oliveira. Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]. 2017, v. 32, n. 94 [Acessado 18 Abril 2022]. Disponível em: <<https://doi.org/10.17666/329402/2017>>.